

1

DE DOIDO EXIBICIONISTA A DISCÍPULO 1916 A 1937

A onda gigante era maior do que qualquer outra coisa que ele já havia visto. O adolescente foi como que atirado de uma catapulta, de cabeça para baixo, desamparado e impotente como uma boneca de pano em meio à muralha de água que o golpeou e o rodopiou através da onda. Ao ser arranhado pela areia ou lançado em direção à superfície, ele sentiu que os seus pulmões explodiriam. Parecia que luzes estavam brilhando por detrás dos seus olhos, e a morte iminente estava a apenas um agonizante gole de água salgada.

Aos dezesseis anos de idade, o Jack e os seus amigos haviam andado de bicicleta aproximadamente dezesseis quilômetros a uma praia da Califórnia que era conhecida por oferecer um bom surfe. Isto foi em 1932, e as pranchas de surfe eram encontradas principalmente no Havaí. O Jack e os seus amigos faziam “*Body surf*” (“Surf de Peito”), pegando a crista da onda com os seus peitos e mantendo um pé para cima como leme. A teoria deles é que uma em cada sete ondas era a maior e melhor. Assim sendo, eles esperavam por ela e aí então nadavam loucamente para pegarem a onda em sua altura máxima.

Desta vez, ao chegarem, eles haviam ficado na praia, olhando para as ondas gigantescas que golpeavam a praia, não se dando conta de que tinha havido uma tempestade ou talvez até mesmo um terremoto em algum lugar ao longe, no Pacífico. Pelo fato de que eles eram garotos adolescentes, havia uma certa auto-afirmação e ostentação: “Nenhuma onda que me metesse medo!” O Jack, no entanto, foi o único que de fato se aproximou da onda, observando as crescentes cristas de água. Ele sentiu alguns cutucões de dúvidas, mas era tarde demais para voltar – não com os seus amigos esperando para ver o que ele faria. Portanto, ele nadou para o fundo, para se encontrar com a próxima onda monstruosa.

Agora ele estava sendo desamparadamente jogado para todos os lados, por ondas mais poderosas do que ele jamais havia enfrentado. No exato momento em que o Jack estava para perder os sentidos, ele orou freneticamente: “Deus! Se o Senhor me tirar desta situação vivo, eu Te servirei pelo resto dos meus dias!”

Tentando ofegantemente respirar quando a sua cabeça finalmente irrompeu a superfície, o Jack viu, horrorizado, que ele estava na crista de uma enorme onda, e olhou para baixo, a provavelmente cinco metros de altura, para o que parecia ser mera areia molhada. Felizmente, alguns metros de água foram arrastados na corrente de refluxo no momento em que ele foi violentamente golpeado para baixo, mas ele sabia que ele seria arrastado para o fundo, para enfrentar toda a sua dolorosa experiência uma vez mais. Ele enterrou os seus dedos na areia, numa fútil tentativa de evitar ser arrastado de volta para o fundo do mar.

Aterrorizados na praia, os seus amigos estavam certos de que o Jack “já era”. Ele foi sugado uma vez mais para o interior da onda, tendo apenas o tempo suficiente para dar uma respirada profunda antes de sofrer mais uma bateria de fortes golpes. Contudo, desta vez a onda o lançou para mais longe, em direção à areia da praia, e ele conseguiu arrastar-se para um local em segurança, para o grande alívio dos seus amigos e dos expectadores que se reuniram.

O Jack talvez tivesse se esquecido logo da sua oração desesperada, em meio à sua crise aquática, mas Deus não Se esqueceu. Tampouco Ele havia Se esquecido das

outras ocasiões de terríveis apuros em que o Jack havia clamado com esta mesma súplica.

Jack Rutherford Schisler (o seu nome do meio era o sobrenome da sua mãe; ela era descendente de Samuel Rutherford, o Reformador escocês.) nasceu em 1916, sendo o quarto filho do James e da Lillie. Os primeiros filhos eram gêmeos e morreram ao nascerem. O pai do Jack era descendente de Nicholus Schuessler (forma inglesada, tanto na soletração como na pronúncia, da forma alemã que deve ser pronunciada “Sisler”) que chegou aos Estados Unidos em 1837.

O James e a Lillie estavam tentando começar um rancho no deserto a nordeste de Los Angeles. O cenário era o minúsculo povoado de Pear Blossom, perto de Littlerock, onde o Jack nasceu. O governo daria quinhentos acres (2 km² aproximadamente) de propriedade no deserto a um colono, com a estipulação de que ela teria que ser desenvolvida num prazo de cinco anos. O James havia construído uma pequena cabana, com um banheiro externo, e tentou fazer uma plantação de amendoim. Se o James tivesse conseguido desenvolvê-la, ele teria ganho uma quantia razoável de dinheiro, uma vez que essa região tornou-se mais tarde parte da Base da Força Aérea de Edwards. Infelizmente, o rancho não foi bem-sucedido, e eles logo se mudaram de volta à região de Los Angeles, onde moraram em várias diferentes comunidades enquanto o James tentava trabalhar pela primeira vez em outras ocupações.

Desde os primórdios da sua infância, o Jack parecia determinado a “viver no limite”. Este “Indiana Jones” precoce tinha sede de aventura. Qualquer coisa que fosse pelo menos levemente perigosa e que fizesse com que o seu sangue corresse mais rapidamente capturava a sua imaginação. Ele ocasionalmente se perguntava se ele viveria além dos vinte e cinco anos de idade, ainda que esta fosse provavelmente a constante preocupação da sua mãe. Sendo um exibicionista na frente dos seus amigos, certa vez, ao ser desafiado, ele pulou de uma alta ponte de ferrovia e mergulhou no Rio Los Angeles. Ele não conseguia resistir à tentação de aceitar uma aposta e ele se lembra da aposta de cinco centavos de um amigo de que ele não comeria uma pimenta super forte – uma das mais fortes à venda! Com a sua boca, garganta e estômago em chamas, o Jack teve que se lançar debaixo de uma torneira, na esperança de que a água apagasse o fogo!

Ele e os seus amigos colocavam bombinhas em baixo de latas para verem a que altura eles conseguiam explodi-las. As coisas não eram emocionantes o suficiente, e, assim sendo, o Jack colocou duas bombinhas sob uma lata e acendeu o pavio. Quando parecia que estava demorando muito tempo para explodir, ele se encurvou para investigar. A explosão de partículas, sujeira, e pólvora quente o atingiu bem no rosto e nos olhos, e ele se afastou cambaleante, sem conseguir enxergar nada, e em estado de choque. “Deus, se permitires que eu enxergue novamente, eu Te servirei pelo resto da minha vida!” Ele espirrou água em seus olhos, e, evitando os seus pais, a fim de não ter que explicar o que havia acontecido, ele esperou fora de casa o resto do dia e descobriu que a sua visão estava voltando gradativamente.

Além do perigo devido à sua própria sede inata por aventuras e aparente tendência à autodestruição, a vida do Jack parecia estar por um fio desde a sua infância. Ele aspirou um amendoim verde para dentro da sua traquéia enquanto ainda engatinhava. O médico rural não conseguiu ajudar, e o pequeno Jack contraiu um crupe ou sintomas semelhantes aos da asma. A Lillie cuidou dele carinhosamente com vapor e

com inalação de creosoto – qualquer coisa que abrisse as suas vias respiratórias. Depois de tossir por vários meses, ele finalmente se recuperou.

Aos doze anos de idade, ele bebeu água contaminada numa caminhada por um dos sistemas de aquedutos de drenagem fluvial de Los Angeles e contraiu uma pneumonia. Uma vez mais ele chegou às portas da morte, mas finalmente escapou.

O Jack tinha três irmãs: Rosemary, a mais velha entre os filhos, e aí então a Helen e a Betty seguindo-o – e ele se deleitava em caçoar delas. Travessuras como trepar no poste da antena de rádio do seu pai, a treze metros de altura, e saltar de barriga, com as pernas e os braços abertos, sobre o seu topo, de quinze centímetros de diâmetro, arrancavam delas a reação desejada. Além de se mostrar, a meta dele era fazer com que as suas irmãs gritassem. Quando a sua mãe saía para investigar, ela levantava as mãos resignadamente e entrava novamente na casa, balançando a cabeça.

O único irmão do Jack, o Bob, era quatro anos mais jovem. O Bob via o seu irmão como algo que se aproximava da adoração de heróis, e o Jack se aproveitava ao máximo disto. Gabando-se diante dos seus amigos de que o Bob “faria qualquer coisa que ele lhe mandasse fazer”, o Jack criou um sanduíche de aranhas que o Bob comeu sob as ordens do irmão. O Jack usava o Bob para testar os seus experimentos montados às pressas, como o avião que ele fez de um engradado de madeira, com uma tábua transversal, como se fossem asas, e algum tipo de hélice. O Jack convenceu o Bob a sentar-se dentro dele e a descer deslizando do alto do telhado de zinco da garagem, enquanto ele “observava para dizer-lhe onde aterrissar, obviamente.” Ele teve que subornar o seu irmão mais novo, que estava aborrecido e gemendo de dor, a não falar nada aos seus pais sobre o incidente. (Apesar da sua queda com o “avião”, no entanto, o Bob cresceu e se tornou um piloto da Segunda Guerra Mundial, servindo na ativa no teatro de guerra europeu. Sendo um ótimo cristão, depois da guerra o Bob foi engenheiro de voo da *United Airlines* durante quarenta anos na rota São Francisco-Japão.

O Jack se lembra, tanto com tristeza como com um pouco de remorso, de um amigo a quem ele conseguiu enganar, inserindo um cordão de bombinhas do tamanho do dedinho de um bebê em seu bolso de trás. Depois de acender o pavio, o Jack e a gangue rolaram no chão de tanto rir, enquanto o desafortunado jovem corria em círculos, tentando livrar-se dos fogos de artifício que estavam explodindo. Toda vez que ele colocava a sua mão em seu bolso, outra bomba explodia e queimava os seus dedos. Finalmente, todo o seu bolso traseiro explodiu – para a grande alegria dos espectadores! Muitos anos mais tarde, ao criar os seus três próprios filhos peraltas, o Jack descobriu que a vida havia dado uma volta e que essa situação estava se repetindo.

Apesar da sua índole destemida, desafiadora e exibicionista, o Jack de fato desenvolveu uma claustrofobia profundamente arraigada, ligada a um incidente em sua infância. Gabando-se aos seus amigos de que ele conseguiria escapar de uma corda amarrada ao seu redor, “como o Houdini”, eles o amarraram num poste telefônico, com a corda sendo enrolada cada vez mais alto. Quando ela chegou ao seu peito, o seu nível de pânico subiu. Apesar dos seus protestos vocais, os amigos do jovem Jack continuaram, e ele descreve o que aconteceu: “Algo dentro de mim soltou-se e um horrível temor, que distorcia a minha mente, invadiu o meu ser.” Os seus gritos apavorados trouxeram a sua mãe ao seu resgate, e, ainda que ele tivesse sido rapidamente desamarrado, o temor, profundamente escondido, porém muito real, continuou durante muitos anos. O Jack se lembra de um evento muito depois disto, quando uma claustrofobia semelhante se apoderou dele. Tentando consertar uma fornalha na primeira igreja que ele pastoreou, o Jack teve que arrastar-se e entrar num pequeno espaço. O antigo sentimento de pânico o agarrou, mas ele deu uma respirada

profunda e citou confiantemente 2 Timóteo 1:7: “Deus não nos deu o espírito de temor...” Felizmente, ele conquistou esta fobia.

Para os Jogos Olímpicos de Verão de 1932, realizados em Los Angeles, o Jack foi escolhido, juntamente com outros quatorze rapazes adolescentes, para dar início ao evento da Equipe de Natação Americana. O líder da equipe nadou ao redor da Piscina Olímpica com uma gigantesca bandeira americana num mastro amarrado a um cinto. Usando vestimentas de rãs verdes, os meninos surgiam na superfície, um depois do outro, de um cano submerso, e nadavam o nado de peito atrás do líder. O Jack se lembrou que um dos rapazes perdeu uma das suas pernas de rã, mas a apresentação foi bem recebida pelos espectadores super entusiasmados. Apesar da impressionante demonstração de “rãs” dos americanos, foi a Equipe de Natação Japonesa que saiu com a maioria das medalhas de ouro daquele ano.

A Lillie, a mãe do Jack, talentosa e capaz, havia sido criada na Igreja Metodista e era uma mulher de fé e oração. O pai do Jack, o James, era um disciplinador severo, quase ao ponto da aspereza. Um empreendedor que trabalhava arduamente, a quem o sucesso frequentemente parecia estar um pouco além do seu alcance, ele tinha um temperamento que se irritava facilmente, e os seus filhos eram os que frequentemente recebiam esta irritação toda.

Durante a adolescência do Jack, o James e ele estavam andando por uma rua de Los Angeles e se depararam com uma reunião de rua. Ao se aproximarem, eles ouviram uma jovem pregando uma mensagem poderosa. O Irmão Clarkson, o pai dela, havia iniciado uma missão perto da esquina das Ruas 5th e *Main*, que ajudava e evangelizava os bêbados, os comunistas, e outros marginalizados pela sociedade. O James, que havia feito uma profissão de fé quando criança, numa antiquada reunião metodista debaixo de um caramanchão em Arkansas, teve uma forte convicção de pecado devido à sua condição de desviado. Ele caiu de joelhos, lá mesmo na rua, e entregou a sua vida ao Senhor. Totalmente transformado, ele se tornou um humilde e compassivo ministro leigo que alcançava e ajudava especialmente os pregadores desanimados. Mais tarde, num culto no porão da missão, o Irmão Clarkson orou pelo Jack, que tinha a tendência de ser pequeno para a sua idade, para que Deus “curasse o seu corpo e fizesse dele um pregador.” (O Jack, no entanto, não quis ouvir a parte da oração para que ele se tornasse um “pregador!”)

O James, angustiado e com uma convicção de pecado sobre a forma como ele havia vivido, estava muito preocupado com o Jack por causa da sua rebeldia de adolescente. O James, como pai, sentia-se responsável, e adotou o modelo bíblico seriamente. Ele passou três dias debaixo de uma ponte no leito seco do Rio Los Angeles, jejuando literalmente com pano de saco e cinzas, enquanto intercedia pela sua família, especialmente pelo Jack. Foi logo depois disto que, na pequeníssima igreja quacre que eles frequentavam, que o pastor colocou de lado a sua prática habitual de ler o seu sermão e fez o seu único apelo ao altar para a salvação. O Jack, sentado na fileira do fundo com outros adolescentes indisciplinados, inclusive o filho do pastor, respondeu indo à frente com outros três.

Nos dias e semanas que se seguiram a este primeiro encontro pessoal com o Senhor, o Jack sentiu um impulso para orar. “Eu entrei no único lugar que eu conhecia, onde ninguém me acharia: um pequeno armário para o aquecedor de água”, lembra ele. “O antigo aquecedor tinha serpentinas de tubos metálicos que ficavam vermelhos pelo superaquecimento. O espaço mal dava para eu – um magricela e esquelético garoto de treze anos de idade – me apertar lá dentro. Fechando a pequena porta cuidadosamente, eu tinha que impedir que o meu corpo tocasse o aquecedor quente. Eu estava consciente da presença do Senhor. Eu não me lembro de uma oração específica,

mas foi algo intenso, verdadeiro e curto. Um mundo totalmente novo começou a abrir-se diante de mim. Eu me lembro de ter pensado: “Como é que alguém consegue orar por uma *hora*?” Mais tarde, numa das ocasiões em que eu estive no esconderijo, eu levei um pequeno relógio comigo. Eu orei por tudo em que eu consegui pensar – num total de seis minutos. Contudo, foi algo real.”

Ainda assim, a vida do Jack não teve uma reviravolta imediata nessa época. Ele abraçou algumas influências erradas, e, sendo um líder por natureza, ele frequentemente colocava a si mesmo e aos seus amigos em apuros. Deus, no entanto, levou a sua resposta a sério, e ele foi eternamente marcado para propósitos divinos. Muitos anos mais tarde, o Jack, agora com a sua esposa e filhos, teve a oportunidade de visitar aquela pequena igreja quacre, com o seu punhado de membros, e contou ao novo pastor como Deus o havia dirigido a muitos países, ministrando a milhares de pessoas. Foi um grande encorajamento ao pastor saber que este tipo de fruto havia saído da minúscula congregação deles. Um dos membros originais ainda estava lá, um senhor idoso, que chorou ao ouvir o testemunho do Jack.

A paixão do Jack em seus anos de adolescência era o futebol americano. Ele jogava de “*running-back*” (zagueiro corredor) num time de uma escola de ensino médio da vizinhança, era extremamente ágil e rápido nos pés, bom para pegar passes, e um excelente corredor. Dois estudantes universitários de Stanford e da UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles) viram os garotos jogando o seu futebol americano de terreno baldio e os empregaram, para melhorarem as suas habilidades. Os técnicos deles também incutiam uma rigorosa disciplina e precisão no time, o que fez com que o time deles vencesse até mesmo times do ensino médio. “Os nossos técnicos nos ensinaram muitas jogadas e a fina arte do futebol americano,” diz o Jack. “Eles também eram bons disciplinadores. Eu fui escolhido como capitão do time e também como ‘*quarterback*’. E chegou então o dia para um tira-teima com um outro time. Todos eles pareciam super-bons e maiores! Estávamos com ansiedade em nossos estômagos e com as bocas secas. Ao observarmos o chutador deles praticando o chute de primeira para o ponto extra, tínhamos a certeza de que estávamos perdidos. Depois que eles rapidamente fizeram um ‘touchdown’ e converteram o ponto extra, o nosso técnico disse: ‘Olhem aqui, caras! Vocês são melhores do que eles! Vocês podem vencê-los!’ Ganhamos, com um placar de 26 a 7. Jogávamos contra garotos mais velhos, mas sempre vencíamos por uma larga margem – certa vez, até mesmo de 56 a 0.”

Devido à Grande Depressão, no entanto, o Jack teve que arranjar um emprego, antes e depois do horário escolar, para ajudar a família. Entregando o jornal Glendale News, ele às vezes andava em sua bicicleta diariamente numa rota de vinte e quatro quilômetros. Consequentemente, ele não conseguiu ir adiante com o seu amor pelo futebol americano.

Com as finanças sempre apertadas, o Jack tinha grandes planos de ganhar muito dinheiro – ou como jogador de futebol americano, ou talvez na engenharia. A vontade de Deus não tinha muita importância, ou talvez absolutamente nenhuma importância, em suas metas para o futuro.

Além das dificuldades econômicas, que certamente não foram peculiares somente a eles durante a Década de 1930, uma nuvem de tristeza os cobriu como família, por causa da filha mais velha, a Rosemary. Sendo uma garota atraente e popular na escola de ensino médio, ela tinha muitos amigos e admiradores. Devido às suas escolhas e contínua insubordinação, a tensão cresceu com os seus pais. Após a formatura, a Rosemary desenvolveu um relacionamento romântico com um homem divorciado e fugiu para casar-se com ele. A família não teve nenhum contato com ela

durante longos dezenove anos, muito embora o James houvesse contratado um detetive para tentar encontrá-la.

A Rosemary, quer por temor ou vergonha, nunca fez nenhuma tentativa de conectar-se novamente com a sua família – nem ao menos uma carta. Anos mais tarde, as suas irmãs, a Betty e a Helen, pediram a um amigo que trabalhava numa agência do governo de estatísticas vitais que as ajudasse a localizá-la. Para a grande surpresa delas, elas descobriram mais tarde que ela estava morando na região de São Francisco, muito perto delas, e elas foram vê-la. Ainda mais estupefante foi a descoberta delas de que as três haviam ido ao mesmo dentista por muitos anos!

Depois que se fizeram os preparativos para que os Schislars se reunissem naquele Natal, o James e a Lillie foram meigamente informados que a sua filha perdida há muito tempo havia sido encontrada. Em meio à sua alegria havia tristeza, mágoa, e choque. Um membro da família relembra a reação da Lillie quando ela viu a Rosemary pela primeira vez: “Um som como de um gemido ou soluço sufocado escapou dela, ainda que a Lillie mantivesse a sua compostura.” Foi difícil comprimir dezenove dolorosos anos num só abraço lacrimoso como também desajeitado.

Após a sua formatura no ensino médio, o Jack, com a ajuda do seu professor de Escola Dominical, que tinha um cargo na Prefeitura da Cidade de Glendale, conseguiu um emprego na Companhia Metropolitana de Saneamento, que estava construindo um aqueduto, um enorme projeto envolvendo milhares de homens. A companhia estava construindo um aqueduto para trazer água do Rio Colorado, a mais de 560 quilômetros de distância, através do deserto e de montanhas, à metrópole de Los Angeles, que se desenvolvia muito rapidamente. Um dos enormes feitos da engenharia e da capacidade humana foi a construção de um túnel de concreto com quase cinco metros de diâmetro e vinte e nove quilômetros de comprimento, atravessando o Monte San Jacinto no lado de Palm Springs.

Com a sua estrutura magra e muscular, o Jack se deleitava no trabalho físico frequentemente perigoso. Às vezes ele trabalhava em todos os três turnos de oito horas, começando na posição mais baixa, cavando e removendo a terra, e enchendo os vagões abertos de carga dos trens. Mais tarde, ele se tornou um guarda-freios e depois operador de motores à bateria, de cinco toneladas, para os trens. Como ajudante de eletricitista, e depois ele próprio como eletricitista, ele estava trabalhando com 220, 440 e 1.200 volts em situações de umidade. Ele sobreviveu a uma quase eletrocussão durante uma das muitas ocasiões em que ele escapou por um triz.

O Jack escreveu em seu diário: “11 de julho de 1936 – talvez alguns chamem de sorte, outros de acaso, mas o Jack sabe que Deus guarda os Seus filhos! Com relação a um incidente que ocorreu hoje, nós estávamos tirando um pesado transformador de aço (23.000 volts vinham de fora, e eram reduzidos a 1.200 volts) dos trilhos de trem, deslizando-o através de duas vigas, para colocá-lo no lado rochoso do túnel. Aconteceu que somente três de nós, dentre os quinze ou mais, estávamos empurrando naquele momento. Ao deslizar-lo, um cabo de uma das extremidades do transformador soltou-se e tocou na cobertura de aço, e imediatamente houve um clarão, e a corrente nos atingiu. Nós três por acaso estávamos abraçados a uma viga do trilho, o que não fez um bom terra, felizmente, sendo colocada em dormentes de madeira (caso contrário, a corrente teria passado pelos nossos corpos e entrado no chão, matando-nos). Mas eu fui derrubado como um tronco e reagi como tal. Aturdido, eu não conseguia começar a descrever o tranco que eu havia recebido. Doeu! Os companheiros disseram que eu fiquei andando em círculos durante vários minutos depois que eu consegui ficar de pé novamente. Um dos homens estava usando luvas e não lhe doeu muito. Mas o Red Parrish recebeu o terrível impacto também. Faíscas voaram dos seus sapatos e deixaram

as marcas dos pregos dos seus sapatos em seus pés descalços, e até mesmo coloriram as suas unhas. Se, outra vez eu digo, se estivéssemos de pé, no chão – bem, eles electrocutaram homens em Sing Sing com 2.300 volts. Uma vez mais, eu agradeço ao Senhor, não somente por mim mesmo, mas também pelos outros homens do grupo que não conhecem o poder do Cristo Ressurreto.”

Sempre frugal, ele economizava dinheiro, compartilhando camas-beliche com outros três homens numa cabana rústica no alto do Cânion Whitewater, e mais tarde ele se mudou a uma pequena tenda, sozinho, perto de uma das entradas do túnel do aqueduto. “Eu gostava da solidão”, diz o Jack, e, ainda que a sua razão principal fosse a economia, era preferível a morar nas quentes e sufocantes casas de beliches fornecidas pela companhia, com milhares de homens. Uma fotografia dessa época mostra um jovem bonito e atlético (com muito cabelo!) e um sorriso que teria capturado o interesse de muitas jovens. Uma lista de possíveis garotas aparece em seu diário, mas ele salienta os detalhes em que elas “erraram o alvo” dos seus gostos e preferências.

“Moças!”, observou ele... “Não tenho tido muito a ver com garotas, e, conseqüentemente, tenho recebido apenas algumas cartas delas. No entanto, as conversas bobas de que são capazes e a maneira com que conseguem agir ridiculamente fazem com que os rapazes evitem quaisquer vínculos íntimos com elas. Ainda assim eu fiquei sobrecarregado de trabalhos e problemas algumas vezes, antes de recobrar o juízo. Havia a Louise, a Myrtle, a Jeanne, e a Evelyn, a qual, numa certa época, supostamente teve uma fortíssima influência sobre a minha vida. Isto me faz rir agora, mas, naquela época, você não poderia me dizer que era uma piada.

“A Rachel não é o que alguém chamaria de uma garota bonita, e a palavra ‘bonita’, que não tem sentido algum, não poderia ser usada para rotulá-la. Contudo, ela tem uma nobreza, uma postura e um sorriso cativante que a tornam bonita. Ela é uma garota cristã de quem a grande maioria das pessoas ficaria orgulhosa por receber uma carta e por poder chamá-la de amiga.” Cerca de setenta anos mais tarde, ao ser lembrado destes comentários, com surpreendentes detalhes o Jack lembrou-se que ele não buscou uma amizade com esta jovem tampouco, dizendo alguma coisa sobre a “autoritária e dominadora mãe dela.”

Com o seu amor pelo ar livre, o Jack apreciava o deserto e descrevia a combinação das miríades de cores e formações rochosas em termos poéticos. Apelidado pelos seus companheiros de “Rato do Deserto”, ele passava as suas horas de folga explorando o deserto, com o seu rifle calibre 22 pendurado às costas. Além da prática de tiro ao alvo, o rifle era útil para se caçar alguns dos animais selvagens que apareciam ocasionalmente: coiotes, coelhos, e, certa vez, ele deu um tiro, não bem-sucedido, num carneiro selvagem. Depois de olhar atentamente para o Jack por alguns instantes, e, sem ferimento algum, o animal surpreendentemente desapareceu depois de subir uma parede rochosa.

Ele escreveu: “[Um amigo] me havia relatado muitas vezes sobre as regiões mais elevadas e inexploradas do Long Canyon, e, assim sendo, o Paul e eu partimos de manhã cedo, saindo do turno noturno com fim pela manhã, em direção ao fascinante mistério do desconhecido. É possível subir dez quilômetros do cânion, de carro, desde a ponte comprida. Deste ponto em diante, andamos por terreno íngreme até chegarmos à antiga cabana do Chucka Walla Slim, escondida nos recessos rochosos de um estreito cânion. A data na lareira era de 1933, mas a cabana em si poderia ter sido datada de 1903. Violentas tempestades e fortes ventos haviam contribuído para a sua condição de dilapidação. Havia centenas de antigos livros e papéis espalhados por toda parte, esperando por um velho “rato de biblioteca” como eu. Prometi a mim mesmo que eu voltaria para folheá-los.

“Depois de uma hora de exploração nas redondezas, deparei-me com uma antiga trilha que levava a uma pequena mina. A meu ver, a parte principal dela parecia ser de quartzo e de calcário. Mas o que mais atraiu a minha atenção foi uma caixa de dinamite como também alguns cartuchos de calibre 22. Eu achei que o melhor seria golpeá-la, e, assim sendo, atirei numa banana de dinamite colocada num nicho de uma rocha gigantesca. A explosão resultante, quase que estremecendo e soltando os meus dentes, depois de detonar e reverberar para lá e para cá por um mais de um minuto, deve ter tido o mesmo efeito num dos inúmeros carneiros selvagens. O Paul avistou um deles fugindo rapidamente sobre o cume de um monte a quase um quilômetro de distância. Depois de passarmos duas horas ou mais, subindo uma trilha de montanha, não avistamos mais nenhum outro carneiro selvagem. Contudo, encontramos muitas das suas trilhas e os seus excrementos, e até mesmo avistamos alguns rastros de leões.

“O vale abaixo de nós tinha lindas cores que se espalhavam em retalhos dourados, lavanda, e verde. Todos os pigmentos da natureza ‘contribuíram adicionalmente aqui e nos deram uma colher de chá’. Pequenos desfiladeiros se ramificavam do solo principal do vale como a parte interna do pátio de manobras da ferrovia de Chicago. Há centenas de regiões inexploradas e repletas de animais de caça para se desfrutar se apenas for tomado o tempo de se encontrá-las.”

Enquanto escalava um penhasco rochoso no deserto da Califórnia, o Jack tinha os seus olhos fixos em alcançar o topo e desalojar um rochedo gigantesco. Ele pretendia alavancá-la e soltá-la, para observar a sua trajetória de trezentos metros em direção das rochas pontiagudas abaixo. No entanto, num dado momento da escalada, ele havia transferido o seu peso a uma pequenina saliência e estava pendurado com a sua mão esquerda a um pequeno promontório, com o rifle em suas costas fazendo com que qualquer progresso ficasse extremamente difícil. Subitamente ele se deu conta de que não havia jeito nenhum de ir à frente, ou acima, e tampouco ele poderia voltar. Ciente de que a sua mão estava ficando adormecida, ele teve que conscientemente olhar para ela e ordená-la a ficar firme. Uma pedra desprende-se de algum lugar nas redondezas e parecia levar uma eternidade para atingir o cânion bem abaixo. Como que num raio, atravessou a sua mente a seguinte pergunta: “*Quanto tempo demorará até que alguém encontre o meu esqueleto?*” Uma vez mais, o Jack fez a sua oração desesperada: “Deus, se Tu me tirares desta vivo, eu Te servirei pelo resto dos meus dias.” Tentando não olhar para baixo, para as rochas pontudas abaixo, ele finalmente conseguiu transferir a sua mão direita para onde a sua mão esquerda se agarrava à rocha, e, de alguma forma, conseguiu voltar a uma posição anterior segura. Não sendo dissuadido, no entanto, ele encontrou em seguida uma outra forma de continuar a sua escalada até o topo e deslocar a grande rocha.

Uma vez mais Deus tinha o Jack numa “sinuca” – um outro ponto de crise com o objetivo de pressioná-lo a um lugar de rendição – de entregar totalmente a sua vida, planos, e futuro ao Senhor.

Os registros do seu diário sobre esses dias revelam a agonia e as ambiguidades de um jovem de vinte anos de idade. Referindo-se frequentemente a profundos anseios espirituais, reflexões sobre a depravação dos homens com quem ele trabalhava, um amor pelo pitoresco ambiente do deserto, e o seu sonho não-realizado de jogar futebol americano, o Jack lutava contra todas estas coisas, que às vezes eram facções em guerra entre si. Será que ele queria seguir as suas próprias ideias, ou será que ele realmente queria seguir a Deus?

A cada duas semanas o Jack viajava do deserto à casa dos seus pais em Glendale e frequentava a igreja com eles. Em 31 de janeiro de 1937, quando ele tinha vinte-e-um anos de idade, ele foi ao culto da noite com a sua família. Era uma igreja boa, ativa na

obra missionária, e fazia parte da denominação Aliança Cristã e Missionária, mas sem nenhuma evidência específica de um forte fervor espiritual. Naquela noite, o Harold, o rebelde filho do pastor, de vinte e quatro anos, desceu pelo corredor, subiu à plataforma em direção ao seu pai e ficou do lado dele. “Eu tenho uma palavra de Deus”, disse o jovem. O pastor lhe deu um olhar de dúvida, mas colocou-se de lado. “Deus entrou em minha vida. Jesus é agora o meu Dono, Salvador e Senhor. Se você quiser o que eu tenho, suba aqui.” Quarenta jovens foram à frente, a maioria da fileira do fundo, inclusive o Jack, a sua irmã e o namorado dela. De rosto em terra, num rio de lágrimas de arrependimento, o Jack entregou a sua vida, as suas ambições, metas e sonhos ao Senhor.

Um verdadeiro reavivamento começou naquela noite. A próxima reunião de oração de quarta-feira à noite estava lotada, pois pessoas famintas se reuniram para se encontrarem com Deus. Durante uma dessas reuniões, alguém deu uma mensagem em línguas – a primeira que o Jack e provavelmente quase todos os presentes lá já haviam ouvido numa linguagem espiritual de oração.

O Harold, o jovem que Deus havia usado, incentivou o Jack a ir estudar numa Escola Bíblica. “Você deveria solicitar a sua admissão ao BIOLA (*Bible Institute of Los Angeles*)”, sugeriu ele. O Jack enviou a sua solicitação a esta escola bem conhecida, o Instituto Bíblico de Los Angeles, mas eles responderam que o rol de alunos deles estava completo para aquele ano – o que o aliviou enormemente! Aí então um missionário visitante sugeriu que ele solicitasse a sua admissão no *Simpson Bible Institute*, em Seattle, Estado de Washington. Secretamente esperando que eles também o recusassem, o Jack fez a sua solicitação. Eles o informaram que havia uma vaga para o próximo Semestre. Deus de fato tinha um plano para este jovem fervoroso, e as coisas começaram a se descortinar.

Com o projeto do aqueduto concluído, o emprego do Jack também acabou. Ele havia economizado algum dinheiro e pediu carona com três outros colegas até Detroit, Michigan, onde ele comprou um Ford 1934, com um motor V-8, de segunda mão, por duzentos dólares. No caminho de volta, o Jack deu carona a um homem que lhe pagou dez dólares para “deixá-lo em San Francisco” a caminho de Glendale.

No final do verão, o Jack colocou todos os seus pertences terrenos no Ford e seguiu ao norte, na antiga Estrada 99 para Seattle. O futuro estava à sua frente – desconhecido e imprevisível como as ensombreadas curvas, montanhas e montes através dos quais ele estava dirigindo – porém revestido com a soberana vontade de Deus. Às suas costas ficavam cada vez mais distantes os seus sonhos com o futebol americano, as suas ambições com as riquezas e a aclamação do mundo.

O Jack havia escrito em seu diário: “Ouvir a multidão gritando enquanto o beque-corredor se esquiva e escapa dos pretensos derrubadores de adversários; girar para o topo de uma suposta linha sólida de rostos determinados, e aí então ter um buraco aberto para você, que o envie rodopiando, pisando para o lado, ziguezagueando em direção a uma importante vitória – isso é que é vida!” O Jack lembrou-se destes seus escritos e começou a dar largos sorrisos esguelhados – numa “expressão de alívio, com um toque de ironia” – à medida que os quilômetros ficavam para trás. Ele não mais viveria de acordo com as suas próprias metas e planos. Ele estava decidido a seguir o projeto de Deus para a sua vida. Uma nova aventura havia começado, com mais emoções, perigos, agitações e desafios do que os seus sonhos com o futebol americano jamais poderiam ter proporcionado.

